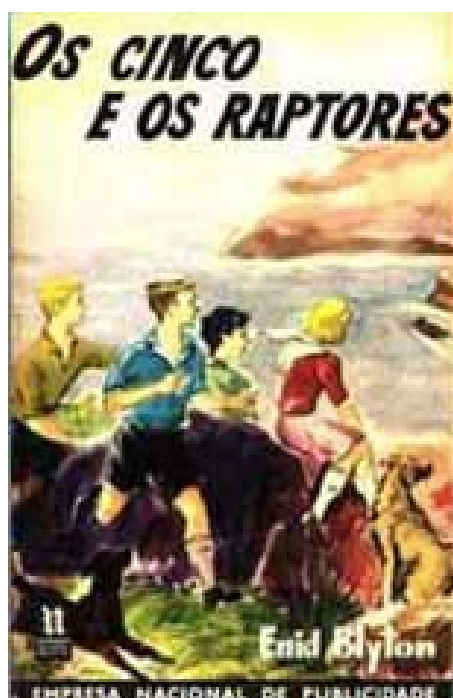


Enid Blyton

Os cinco e os raptores



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Série Os Cinco - 14

EDITORIAL NOTÍCIAS

Título original

FIVE HAVE PLENTY OF FUN

Tradução de

MARIA DA GRAÇA MOCTEZUMA

Editorial Notícias

Hodder and Stoughton, Ltd. - 1952

Reservados todos os direitos para Portugal

Pela EDITORIAL NOTÍCIAS

LISBOA

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

Índice

Capítulo I - No Casal Kirrin

Capítulo II - Uma visita durante a noite

Capítulo III - Notícias desagradáveis

Capítulo IV - A Berta

Capítulo V - Na manhã seguinte

Capítulo VI - Uma série de contrariedades

Capítulo VII - Uma pequena conversa

Capítulo VIII - Uma transformação

Capítulo IX - Uma chamada telefónica

Capítulo X - Uma coisa estranha

Capítulo XI - Novamente na Ilha Kirrin

Capítulo XII - Muito suspeito

Capítulo XIII - Um horrível susto

Capítulo XIV - Onde está a Zé?

Capítulo XV - Algumas descobertas no bosque

Capítulo XVI - A João

Capítulo XVII - No acampamento do Gringo

Capítulo XVIII - O Tim torna-se muito útil

Capítulo XIX - Um plano divertido

Capítulo XX - Uma aventura perigosa

Capítulo XXI - Absolutamente inesperado

Capítulo XXII - Estes miúdos são formidáveis

Capítulo I

No Casal Kirrin

- Parece-me que já estamos em Kirrin há quase um mês - disse a Ana, espreguiçando-se e enterrando os pés na areia. - E afinal acabámos de chegar!

- Tens razão. É curioso como nos habituamos depressa a Kirrin - observou o David. - Ainda ontem chegámos e parece, concordo contigo, Ana, que já aqui estamos há imenso tempo. Eu gosto muito de Kirrin.

- Oxalá os dias bonitos se mantenham durante as nossas férias - disse o Júlio, afastando o Tim, que estava a desafiá-lo com as patas para a brincadeira. - Sai daqui, Tim. Tu tens muita resistência. Nós tomámos banho, corremos e jogámos a bola, o que é bastante para tão pouco tempo. Vai brincar com os caranguejos!

- Uuuuf! - fez o Tim, desgostoso. Depois arrebitou as orelhas ao ouvir o som duma campainha, no passeio junto à praia.

- Acho que o Tim ouviu o homem dos sorvetes - disse o David. - Algum de vocês quer comprar?

Todos quiseram. A Ana recebeu o dinheiro de cada um dos pequenos e foi buscar os sorvetes, seguida pelo Tim. Daí a pouco apareceu com cinco gelados e o Tim saltando à sua volta.

- Não há nada melhor do que estar deitado na areia quente, ao sol, comendo sorvetes e sabendo que se tem ainda três semanas de férias. E em Kirrin! - acrescentou o David.

- Na verdade é maravilhoso! - concordou a Ana. - Que pena o teu pai ter hoje visitas, Zé. Quem são? Temos que nos vestir para lhes aparecer?

- Acho que sim - respondeu a Zé. - Oh! Tim, comeste o teu sorvete duma só vez. Que desperdício!

- Quando chegam essas visitas? - perguntou o David.

- Cerca do meio-dia e meia hora - respondeu a Zé. - Vêm almoçar. Mas graças a Deus o meu pai disse que não quer ver, ao almoço, crianças a andarem

à volta dos seus hóspedes. Por isso a minha mãe disse-me para irmos, ao meio-dia e meia hora, cumprimentar as visitas- e voltarmos a sair com um cesto cheio de coisas para um piquenique.

- Devo acrescentar que o teu pai tem por vezes boas ideias - observou o David. - as visitas são alguns cientistas amigos dele?

- São. O pai está a fazer um estudo muito importante em conjunto com dois colegas - explicou a Zé. - Parece que um deles é um génio e fez uma descoberta tão maravilhosa que nem se pode explicar.

- Que espécie de descoberta? - perguntou o Júlio: - Algum foguete para viagens diárias à Lua, alguma bomba, ou...

- Não. Parece-me tratar-se de qualquer coisa que serve para haver energia eléctrica quase de graça! - respondeu a Zé. - Ouvi o meu pai dizer que é a maior descoberta feita até hoje. Ele anda entusiasmado. Chama-lhe uma «dádiva à humanidade» e sente-se orgulhoso por tomar parte no seu estudo.

- O tio Alberto é muito inteligente, não acham? - disse a Ana.

O pai da Zé era tio do Júlio, do David e da Ana, e estes eram portanto primos da pequena. Zé era o diminutivo de Maria José.

Mais uma vez tinham ido todos passar a Kirrin o resto das suas férias, as últimas três semanas.

O tio Alberto era na verdade muito inteligente.

Mas apesar disso a Zé por vezes gostaria que ele fosse um pai mais vulgar e jogasse a bola e o ténis com as crianças sem se irritar tanto com os seus gritos, gargalhadas e brincadeiras.

Ele sempre discutia quando a mãe da Zé lhe participava que os sobrinhos iam passar uma temporada em Kirrin.

- São umas crianças barulhentas, que andam sempre aos gritos - dizia ele. - Tenho de me fechar à chave no escritório e não sair de lá.

- Pois sim, Alberto - respondia-lhe a esposa. - Mas tu bem sabes que eles praticamente passam o dia fora. A Zé precisa de conviver com outros pequenos de vez em quando e os nossos sobrinhos são muito bem-educados. A Zé gosta muito de os ter aqui.

Os quatro primos tinham o maior cuidado em não incomodar o dono da casa, pois ele possuía um temperamento irritável e gritava com toda a força

quando estava zangado. Mas, como disse o Júlio, ele não tinha culpa de ser um génio, e os génios não são pessoas vulgares.

- Especialmente os grandes cientistas, que podem facilmente fazer explodir o mundo num acesso de mau humor - concluiu o Júlio, muito sério.

- Bem, eu não gostaria que ele me fizesse explodir por eu bater com alguma porta ou por o Tim se pôr a ladrar - observou a Zé.

- Pois eu achava uma certa graça ir pelos ares, para ver como era - gracejou o David.

- Não sejas palerma - disse a Zé. - Algum de vocês quer tomar outro banho?

- Eu não. Mas sou capaz de me ir deitar à beira da água deixando as ondas molharem-me - disse o David. - Aqui neste sítio sinto-me meio torrado.

- Acho uma boa ideia - concordou a Ana. - Mas quanto mais calor tiveres mais fria te parecerá a água.

- Vamos! - exclamou o David, levantando-se. - Daqui a pouco estou com a língua de fora como o Tim.

Os pequenos foram até à beira da água onde rebentavam pequenas ondas.

- Está gelada! - gritou a Ana. - Eu já esperava. Não consigo deitar-me, só posso estar sentada!

Contudo, daí a pouco estavam todos deitados dentro da água, à beira-mar, deixando-se rebolar na areia, quando não havia ondas. Era tão agradável sentir o fresco da água em todo o corpo!

De repente o Tim ladrou. Ele não estava ao pé dos pequenos mas sim na areia, mesmo à beira-mar. Achava que era desnecessário molhar-se outra vez. A Zé levantou a cabeça.

- Que aconteceu, Tim? - perguntou ela. - Não vem aí ninguém.

Mas o David tinha ouvido qualquer coisa e sentara-se apressadamente.

- Parece-me que estão a tocar uma campainha para nos chamarem. Deve ser do Casal Kirrin!

- Mas ainda não chegou a hora do almoço! - exclamou a Ana, desconsolada.

- Talvez - disse o Júlio, levantando-se. - É o que faz ter deixado o relógio no bolso do casaco! Eu devia lembrar-me de que o tempo em Kirrin passa mais depressa.

O pequeno foi a correr buscar o relógio de pulso à algibeira do casaco.

- É uma hora - gritou ele. - Já passa um minuto. Despachem-se, pois vamos chegar atrasadíssimos!

- Que maçada! - exclamou a Zé. - A minha mãe não vai ficar nada satisfeita connosco porque já devem ter chegado os dois cientistas!

Os pequenos pegaram nos casacos e desataram a correr. Felizmente o Casal Kirrin não ficava longe, por isso depressa chegaram ao portão. Lá fora via-se um carro enorme, um dos últimos modelos americanos. Mas não havia tempo para o examinar!

Entraram, silenciosamente, pela porta do jardim. A mãe da Zé foi ter com eles, muito zangada.

- Desculpe, tia Clara - disse o Júlio. - Desculpe-nos por favor. A culpa foi toda minha. Era o único que levava relógio.

- Estamos muito atrasados? - perguntou a Ana. - Já começaram a almoçar? Quer que nos vamos embora com o cesto do piquenique sem os interromper?

- Não - respondeu a tia Clara. - Felizmente o tio ainda está fechado no escritório com os seus dois amigos. Já bati o gong uma vez, mas acho que não ouviram! Toquei a campainha para vocês virem pois eles podem aparecer dum momento para o outro e o tio ficaria zangado se não estivessem aqui para os cumprimentar!

- Mas os amigos do pai geralmente não desejam ver-nos - observou a Zé, surpreendida.

- Sim, mas um destes tem uma filha um pouco mais nova do que tu, Zé. Acho que também é mais nova do que a Ana - explicou a mãe. - E pediu-me para vos conhecer porque a pequena vai para o vosso colégio no próximo período.

- O melhor é irmo-nos lavar depressa - disse o Júlio. Mas precisamente naquela altura abriu-se a porta do escritório e apareceu o tio Alberto com os dois amigos.

- Olá! Estes são os seus pequenos? - perguntou um deles, parando.

- Acabam de chegar da praia - disse logo a tia Clara. - Acho que não estão muito bem arranjados. Eu...

- Ora! - exclamou o senhor. - Não peça desculpas por causa dumas crianças assim. Formam um grupo bem simpático. São formidáveis!

O senhor falava com um sotaque americano e tinha uma cara muito risonha. Os pequenos gostaram logo dele. O senhor voltou-se para o pai da Zé. - São todos seus? - perguntou ele.

- Aposto que tem um grande orgulho neles! Como conseguiram esta cor? Parecem uns peles-vermelhas! Quem me dera que a minha filha Berta tivesse este aspecto!

- Não são todos meus filhos - respondeu o tio Alberto, horrorizado com tal ideia. - Só tenho esta - continuou, pondo a mão no ombro da Zé. - Os outros são meus sobrinhos.

- Deve concordar que tem um esplêndido rapaz - disse o americano remexendo os cabelos encaracolados e curtos da Zé. Ela detestava que lhe mexessem na cabeça mas como o senhor a confundira com um rapaz, riu-se alegremente!

- A minha filha vai para a tua escola - disse ele à Ana. - Faz-lhe companhia, sim? Ao princípio ela deve sentir-se acanhada.

- Claro que faço - respondeu a Ana, simpaticamente com aquele americano muito alto e de voz grossa. Nem parecia um cientista! O outro sim, parecia. Era um homem espadaúdo, usava óculos com aros de tartaruga e, como o tio Alberto tantas vezes fazia, olhava fixamente para longe como se não estivesse a ouvir uma palavra do que diziam.

O tio Alberto achou que aquela tagarelice já tinha durado bastante e fez um sinal aos pequenos para se retirarem.

- Venham almoçar - disse ele aos seus amigos. Um deles seguiu-o logo mas o americano deixou-se ficar para trás.

Enfiou as mãos nas algibeiras e tirou uma nota de libra que deu à Ana.

- Compre uns rebuçados - disse ele. - E sejam bons para a minha Berta, sim?

Depois entrou na sala de jantar, fechando a porta com estrondo. - Meu Deus, que dirá o pai a um barulho destes? - disse a Zé, rindo. - Eu simpatizei com ele. E vocês? O automóvel que está lá fora deve pertencer-lhe. Não consigo imaginar o outro a andar de bicicleta quanto mais ao volante dum carro!

- Tomem lá o cesto com o vosso almoço e desapareçam! - disse a tia Clara, cheia de pressa. - Tenho de ir ver se está tudo em ordem!

Ela meteu o cesto nas mãos de Júlio e entrou na sala de jantar. O Júlio sorriu satisfeito ao sentir o peso do cesto.

- Vamos embora - disse ele. - Mas que bom! Outra vez todos para a praia!

Capítulo II

Uma visita durante a noite

Daí a dois minutos os «Cinco» chegaram à praia e o Júlio abriu o cesto do almoço. Estava cheio de sanduíches, bolachas e chocolates. Havia ainda um pacote com ameixas e duas garrafas de limonada.

- Está bem fresca - disse o David tirando as garrafas para fora. - Que é isto? Um bolo de frutas! Um estupendo bolo de frutas! Estamos cheios de sorte!

- Uuuuf! - fez o Tim cheirando o cesto com ar de aprovação.

Havia um embrulho em papel-pardo, contendo um osso e um frasco com pasta de carne. A Zé abriu-o.

- Arranjei isto para ti, Tim - disse ela. - Anda, agradece!

O Tim deu-lhe umas lambedelas com tal satisfação que a pequena até ficou aflita.

- Passa-me a toalha, Jú! - pediu ela. O Tim molhou-me a cara toda. Vai-te embora, Tim. Já basta de agradecimentos! Vai-te embora, já te disse. Como queres que eu ponha pasta de carne nas tuas bolachas se não tiras o focinho do frasco?

- Tu estragas o Tim - observou a Ana. Pronto, pronto. Não precisas de fazer essa cara tão zangada, Zé! Concordo que ele é merecedor. Sai daqui com esse osso, Tim. Deita um cheiro horrível!

Os pequenos saborearam as sanduíches de sardinhas com tomates, seguidas doutras com ovos cozidos e alface. Depois passaram ao bolo de frutas e beberam limonada.

- Não posso compreender como há pessoas que preferem as refeições à mesa, podendo fazer piqueniques - disse o David. - Vejam lá os tios e os seus amigos como estão a comer um almoço quente, dentro de casa com um dia destes. Livra!

- Gosto daquele americano alto - declarou a Zé.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

